



## EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: A AÇÃO DOCENTE DIANTE DAS NOVAS FORMAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Vanderlei Ricardo Guerra - UCS<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo discute as possibilidades do uso dos novos meios de informação e comunicação, como ferramentas a serem exploradas pelos professores que atuam na Educação de Jovens e Adultos (EJA), como modo de interação social e prospecção de novas possibilidades de atendimento aos objetivos da educação, através da ação docente. Aborda a importância do uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), na EJA, com ênfase na aprendizagem colaborativa e interativa, explorando o cunho social destas tecnologias e suas relações com o mundo do trabalho e na rotina dos alunos dentro ou fora da escola. Aponta para possibilidades de planejamento e ação docente onde podemos potencializar práticas inerentes ao processo ensino-aprendizagem, trazendo uma sugestão de metodologia de trabalho com aplicação de recursos de informática no ensino, e ainda, um estudo de caso com o intuito de gerar análise ao tema abordado.

**Palavras-chave:** Educação de Jovens e Adultos, Tecnologias da Informação e da Comunicação, Atuação docente, Aprendizagem Colaborativa, Educação e Trabalho.

### Introdução

Ao pensarmos na ação docente dentro das situações de estudos e pesquisas propostas aos estudantes da educação de jovens e adultos, especialmente na área do ensino profissionalizante, não raro é percebermos a necessidade do uso de meios de comunicação atualizados, porém com o uso de tecnologias recentes, notamos novas formas de comunicação e expressão.

Em algumas situações, somos surpreendidos por novidades tecnológicas e ao nos mostrarmos disponíveis para seu conhecimento e uso, aceitando as sugestões de nossos alunos a fim de estabelecer comunicação ou participar de redes sociais de interesse mútuo, podemos constatar as surpresas pela forma de linguagem comumente utilizada nestes meios, pela grande diferença entre a linguagem formal ensinada na escola e a praticada no cotidiano, através de computadores, tablets e celulares.

---

<sup>1</sup> Licenciado em Pedagogia pela Universidade de Caxias do Sul e mestrando em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE-UCS). Instrutor no ensino profissionalizante na área de usinagem mecânica na Escola de Educação Profissional SENAI Nilo Peçanha.

Sabemos que o avanço tecnológico influenciou a evolução da humanidade e que o desenvolvimento humano não ocorreu de forma linear, mas sim com sobreposição de tecnologias, onde as mesmas convivem no tempo e influenciam umas às outras, ocorrendo a miscigenação.

Diante da situação vivida pelos professores refletimos sobre os avanços tecnológicos e suas influências no dia a dia, tanto em ambientes de ensino quanto na sociedade em geral, de assim como Castells:

(...) É claro que a tecnologia não determina a sociedade. Nem a sociedade escreve o curso da transformação tecnológica, uma vez que muitos fatores, inclusive criatividade e iniciativa empreendedora, intervêm no processo de descoberta científica, inovação tecnológica e aplicações sociais, de forma que o resultado final depende de um complexo padrão interativo. Na verdade, o dilema do determinismo tecnológico é, provavelmente, um problema infundado, dado que a tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas.(...) (1999, p. 25).

Ao pensarmos em tecnologias não podemos nos distanciar da relação existente entre a escola e o trabalho conforme Carvalho e Durães:

No mundo do trabalho, que cada dia é mais exigente ao cobrar competências de seus trabalhadores, é necessário que se saiba lidar, pesquisar, discutir, intercambiar, assimilar, criticar, explorar e desenvolver estas informações. Urgencia-se portanto, a necessidade da escola preparar o aluno para saber lidar com tais informações. Não que a escola tenha que prepará-lo unicamente de acordo com as necessidades do mercado de trabalho, mas o ambiente escolar, um dos principais locus de formação humana e profissional dos sujeitos, precisa dar condições para que o futuro trabalhador, além de saber viver de forma consciente, crítica e humana na atual sociedade da informação, adquira condições para também saber questionar os contrastes e contradições desta sociedade, contribuindo para a sua melhoria (2008, p. 2).

Tendo em vista os desafios das constantes novidades tecnológicas discorreremos a respeito da ação docente, na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e sua relação com as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs).

## **1. O desafio do uso da tecnologia na educação: a tecnicidade mediática como dimensão estratégica da cultura**

Vivemos em um contexto histórico e social no qual as tecnologias de comunicação e informação fazem parte do cotidiano dos jovens e adultos. Eles utilizam aparelhos eletrônicos com tecnologias como a TV, o rádio, os computadores, a Internet, os jornais, entre tantos outros, de forma dinâmica e intuitiva e com facilidade. Neste contexto, as mídias participam da formação cultural de nossos alunos de forma mais articulada a cada dia que passa. A

experiência com as tecnologias faz parte dos padrões culturais, modificando modos de viver, de entender a si mesmo e a realidade, como nos afirma Citelli:

Os meios de comunicação e as tecnologias da informação significam para a escola em primeiro lugar isto: um desafio cultural, que torna visível a distância cada dia maior entre a cultura ensinada pelos professores e aquela outra aprendida pelos alunos. Pois os meios não só descentram as formas de transmissão e circulação do saber como também constituem um decisivo âmbito de socialização através dos mecanismos de identificação e projeção de estilos de vida, comportamentos, padrões de gosto. É apenas a partir da compreensão da tecnicidade mediática como dimensão estratégica da cultura que a escola pode inserir-se nos processos de mudanças que atravessam a sociedade (2004, p. 22).

O atual desafio é o de proporcionar aos alunos a possibilidade de utilizar-se das linguagens modernas para produzir conhecimentos. A escola pode encontrar nas tecnologias de comunicação e informação uma possibilidade para o **repensar** e para a re-construção de sua prática, da concepção de educação, de professor e de aluno. Com os modernos meios de comunicação e informação, temos a possibilidade de novos redimensionamentos à escrita e à leitura, propiciando novas formas de ver, sentir e conceber o mundo. Com os modernos recursos tecnológicos, as informações estão dispostas, agrupadas, compactadas e interligadas, facilitando sua busca. Dessa forma, com o uso destas tecnologias, o conhecimento passa a ser atualizado e acessado mais rapidamente, o que, no sistema convencional, levaria tempo para acontecer.

## **2. A ação pedagógica: novas ferramentas, novas linguagens**

O agir pedagógico da nossa realidade atual necessita da liberdade dos velhos paradigmas do passado para viver as verdades e a realidade presente. Quando a escola abre espaço para a manifestação dos alunos, bem como aproveita as informações e experiências que trazem consigo torna o processo de ensino e aprendizagem mais rico e proveitoso para ambos, pois ocorrem diferentes trocas entre os papéis dos sujeitos com os objetos do conhecimento. Desta forma, é natural encontrarmos diferentes formas linguagem em nossa prática pedagógica. Todas as tecnologias, digitais ou impressas, podem ser dirigidas para o benefício da educação.

Através da experiência docente vivida nas últimas três décadas, percebemos que dentro de uma visão conservadora, onde o conhecido, o tradicional, nos deixa numa favorável zona de conforto temos a educação persistindo como uma prática educativa centrada no professor, nas técnicas, nos métodos e na execução por parte do aluno das atividades a ele impostas. O modelo educacional tradicional ainda é baseado na transmissão de conhecimento, no qual o aluno é considerado sujeito passivo, sem capacidade crítica e reflexiva, com uma

visão de mundo segundo a que lhe foi transmitida. Porém se pensamos na sociedade e no mundo do trabalho, formar um profissional nesse contexto é negligenciar a possibilidade dele sobreviver em uma sociedade do conhecimento que solicita um sujeito com habilidades e competências para a inovação, criatividade e senso crítico.

As competências desenvolvidas dentro da Educação de Jovens e Adultos nos direcionam para diversos aspectos relacionados com o mundo do trabalho e as Tecnologias da Informação e Comunicação, como novas ferramentas a serem exploradas na ação docente, nos trazem novas formas de linguagem que agem sobre o comportamento social como nos lembra Norbert Elias, apud Lopes:

Elias destaca que as interdependências sociais, da racionalidade burguesa industrial, se situam na profissão com comportamentos e relações entre as pessoas, próprios desta racionalidade. O caráter revogável e temporário das ligações e o interesse pelo outro centrado no objetivo do encontro são comportamentos presentes nas relações profissionais que caracterizam a racionalidade burguesa industrial. Vemos por tanto que o conceito de interdependência tal como apresentado por N. Elias nos permite pensar sobre a escola e seu espaço social, como uma grande e única sala de aula, conferindo aos envolvidos neste espaço (diretor-professor-funcionário-alunos-pais), função específica.

O domínio profissional em que se situam as interdependências sociais e a pressão das obrigações sociais centrada neste mesmo domínio, abre um leque de questões para refletirmos sobre as escolhas dos trabalhadores na organização da escola hoje, uma vez que, neste espaço, as pessoas vão construindo a si próprio e aos outros com valores próprios da sociedade (ELIAS apud LOPES, 2000, p. 63).

### **3. Aprendizagem colaborativa: o conhecimento como um constructo social**

Por outro lado, se percebermos uma efetiva atuação docente, dentro da aprendizagem colaborativa estas tecnologias podem ser utilizadas como possibilidades de execução de um projeto educacional, portanto, temos como pressuposto a interatividade entre seus interlocutores.

Esta forma de ensinar e de aprender cresce na própria relação de educação e trabalho, onde o trabalho colaborativo assistido por computador parte de um sistema de redes de computadores que suporta grupos de trabalho com tarefas comuns, fornecendo uma interface que possibilita a realização de trabalho em conjunto, assim a aprendizagem colaborativa é um processo educativo em que grupos de alunos trabalham em conjunto tendo em vista uma finalidade comum, pois segundo Coura-Sobrinho:

É possível definir aprendizagem colaborativa como um processo educativo no qual um conjunto de métodos e técnicas de aprendizagem, assim como de estratégias de desenvolvimento de várias competências, será utilizado em grupos estruturados que estarão diretamente relacionadas à aprendizagem. Na aprendizagem colaborativa cada membro do grupo é responsável pela sua aprendizagem e pela dos outros elementos, promovendo uma rede de interações sociais em que professores e alunos são envolvidos para a construção de um objetivo comum, no qual a colaboração

ativa e a avaliação de todos são essenciais. Nessa situação, o conhecimento é visto como um constructo social. O mesmo ocorre com a aprendizagem colaborativa assistida por computador (CSCL Computer Supported Collaborative Learning) que utiliza a mesma estratégia educativa e dispõe os recursos informáticos para serem usados como mediadores do processo de ensino-aprendizagem. Pretende-se que os ambientes de aprendizagem colaborativos sejam ricos em possibilidades e propiciem o crescimento do grupo (2005, p. 4).

Ao buscar um paralelo entre a educação e o trabalho dentro desta forma de atuação, podemos constatar que o trabalho colaborativo tende a focalizar a sua atenção nas técnicas de comunicação, ocorre principalmente no domínio empresarial e tende a concentrar a sua atenção no que está a ser comunicado. Na educação são explorados os ambientes educativos, para facilitar a comunicação e a produtividade do grupo onde a finalidade é a de sustentar uma eficaz aprendizagem deste grupo. Tanto na escola como nas empresas acredita-se que os sistemas computacionais podem suportar e facilitar os processos e as dinâmicas de grupo, nomeadamente quando os utilizadores destes sistemas se encontram em locais diferentes, tendo em consideração, no entanto, que não foram concebidos para substituir na totalidade a comunicação presencial. Neste contexto, as tecnologias de informação e comunicação (TICs) podem ser utilizadas como recursos para a aprendizagem colaborativa, pois auxiliam aos alunos a comunicar e a colaborar em atividades comuns.

A aprendizagem colaborativa destaca a participação ativa e a interação, tanto dos alunos como dos professores. O conhecimento é visto como uma construção social e, por isso, o processo educativo é favorecido pela participação social em ambientes que propiciem a interação e a colaboração, onde temos como elementos básicos a interdependência do grupo com interatividade e respeito ao pensamento divergente, com alcance de objetivos qualitativamente mais ricos dentro da transformação da aprendizagem numa atividade eminentemente social, incentivando a valorização dos conhecimentos do outro, a partir das experiências de aprendizagem de cada participante.

#### **4. Interatividade: trocas e participação através das tecnologias da comunicação**

Pela interatividade é possível participar, intervir e manipular a informação, sendo que o fato desta ação de manipulação por professores e alunos, nos credencia como humanos na partilha do papel de sujeitos do conhecimento, juntamente com os alunos, com uma produção conjunta, pois a mensagem é bidirecional, é co-criação, rompendo com a transmissão unilateral e autoritária. E por fim, através de uma rede de conexões há liberdade de trocas,

associações e significações, originando uma construção conjunta do conhecimento (SILVA, 2000).

O conceito de interatividade é bem mais recente que o conceito de interação, o qual vem sendo utilizado nas mais variadas ciências como “as relações e influências mútuas entre dois ou mais fatores, entes, etc. Isto é, cada fator altera o outro, a si próprio e também a relação existente entre eles” (Primo & Cassol, 1999). Já o termo interatividade surgiu no contexto das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), com a denominada geração digital. Entretanto, o seu significado extrapola esse âmbito. Para Silva (1998, 29), a interatividade está na “disposição ou predisposição para mais interação, para uma hiper-interação, para bi-direcionalidade - fusão emissão-recepção - para participação e intervenção”. Portanto, não é apenas um ato de troca, nem se limita à interação digital. Interatividade é a abertura para mais e mais comunicação, mais e mais trocas, mais e mais participação. No dizer do autor é

a disponibilização consciente de um mais comunicacional de modo expressivamente complexo, e, ao mesmo tempo, atentando para as interações existentes e promovendo mais e melhores interações – seja entre usuário e tecnologias comunicacionais (hipertextuais ou não), seja nas relações (presenciais ou virtuais) entre seres humanos (SILVA, 1999, P.155).

Para uma construção conjunta do conhecimento é fundamental que professor e aluno trabalhem de forma colaborativa e interativa garantindo uma efetiva comunicação e aumentando os horizontes da aprendizagem, atingindo, no que chama Martin-Barbero (2001), de “transformação dos modos de ler”.

As tecnologias de informação e comunicação (TICs) dentro deste contexto são integradas ao currículo de forma transversal, como uma estratégia que busca a integração das técnicas como meios e não como finalidades educacionais. Refletindo sobre a utilização dos recursos das tecnologias da informação e comunicação dentro das instituições de ensino, percebemos que elas ainda não são utilizadas de maneira generalizada e quando usadas, tendem aos enganos do ensino na tecnologia por si só, fugindo do foco do objeto de estudo previsto pelo professor.

## **5. Uso da informática: estudo de caso**

Como exemplo de tal situação temos o estudo de caso “A Informática no Processo de Alfabetização Escolar” de Sérgio Leite e Cyntia D’Estefano, 2006, que nos trazem informações sobre a aplicação destas tecnologias em observações realizadas em laboratórios

de informática e salas de aula, para alunos da primeira série, onde encontramos diversos relatos destas observações em que os recursos das tecnologias da informação e comunicação foram utilizados.

Nestes estudos chega-se a conclusão que a informática nem sempre é utilizada como um recurso pedagógico efetivo no processo de Alfabetização escolar, onde temos diversas situações, entre elas:

- O horário semanal destinado à sala de informática nem sempre foi utilizado como complementação ao trabalho desenvolvido na sala de aula: das dez sessões de observação na sala de informática, apenas em quatro as atividades apresentaram essa relação.
- Em relação à concepção de escrita subjacente às atividades dos softwares e sites analisados, observou-se, a partir dos dados apresentados, que 27,4% das atividades apresentam uma concepção tradicional da escrita, onde esta é entendida como um código de representação da fala; são atividades nas quais os alunos devem relacionar estímulos auditivos e visuais, através da memorização de códigos e sons. Apenas 10,9% das atividades realizadas apresentaram uma concepção atual da escrita, diferenciada da anterior no que se refere ao caráter simbólico da mesma e à ênfase dada aos seus usos sociais.

Diante dos resultados de tal pesquisa temos que refletir sobre a maneira pela qual podemos utilizar os atuais recursos e como a informática pode contribuir para formar leitores críticos e bons escritores, num processo de alfabetização que utiliza recursos tecnológicos como o computador, porém temos que tomar o cuidado de não trocar lousas por telas de LED, dentro de um tradicional agir pedagógico.

Ao pensar no uso pedagógico que é feito desses recursos, devemos considerar a natureza da atração por tecnologias, como as dos computadores, que muitas vezes o professor atraído por essa tecnologia, aplica-a sem refletir sobre o real sentido da informática na sala de aula. Por outro lado também temos a existência da verdadeira aversão aos modernos recursos, pela simples dificuldade em suas utilização, por desconhecimento de funcionamento, ou tabus relacionados aos mesmos. São os extremos opostos dentro das tecnologias e segundo Stemmer:

Ao se escolher um software não se pode simplesmente ficar extasiado diante do computador, pois o fato de integrar imagens, textos, sons, animação, de fazer a interligação de informação em seqüências não lineares, como as utilizadas na multimídia e hipermídia, não garante uma abordagem educacional nova e muito menos a qualidade pedagógica (1998, p.66).

A informática, a cada dia, apresentará novos e poderosos recursos, programas cada vez mais atraentes visualmente e os colocará à disposição da educação. Assim, não podemos desconsiderar a necessidade do professor quanto a uma formação específica e consciência crítica para o uso dessa tecnologia com seus alunos. Outro fato muito importante é a consciência e a clareza com relação aos objetivos que, em função dos quais a informática será utilizada na sala de aula, para não tornar o computador apenas um sinônimo de entretenimento ou perder-se o foco do uso pedagógico esperado, pois:

É necessário que o computador constitua-se numa importante ferramenta de ensino, já que os programas computacionais poderão ser um instrumento valioso para auxiliar a criança no seu processo de compreensão da linguagem escrita numa perspectiva diferente daquele comumente realizada pelo ensino tradicional (STEMMER,1998, p.101).

## **6. A Internet e os livros: o papel do docente no uso das TICs**

Naturalmente o desenvolvimento nos coloca frente a novos paradigmas, onde a Internet entra em cena e com ela pensamos na possibilidade do fim do livro impresso e até mesmo da extinção do professor, encontramos o desafio do novo papel do educador, com a abertura as novas possibilidades do processo de ensino-aprendizagem.

Acreditamos que nesta situação os professores possam utilizar as possibilidades de formas de comunicação explorando diferentes recursos e sugerimos a linguagem formal na resposta do e-mail, nas redes sociais e até por celular, pois estes canais de comunicação nos permitem esta possibilidade, não descartando a forma de linguagem utilizada pelo aluno, a qual deverá ser explorada pelo professor de forma gradativa. No decorrer deste aprendizado, onde o aluno pode explorar a linguagem formal e os professores a nova possibilidade, teremos uma interação com as trocas mútuas e assim ambos interlocutores desenvolverão suas habilidades e competências, diante a multiplicidade de meios, materiais e linguagens que se renovam a cada dia sob o impacto das tecnologias da comunicação e informação, redefinindo e reconfigurando relações de aprendizagem.

A partir da segurança alcançada pelos professores, sugerimos ainda a exploração de novos canais de comunicação, através de programas de mensagens rápidas e outros, onde o uso da nova linguagem torna-se essencial pela dinâmica do processo, que praticamente impede o uso da linguagem formal, habitualmente utilizada pelos educadores, tendo assim o docente, a melhor compreensão destes processos e das necessidades dos educandos, dentro da realidade dos alunos, especialmente dos jovens e adultos. As fontes de consulta apresentam-se

de diferentes formas, mas o conhecimento humano expresso pela bibliografia é um patrimônio de valor inestimável e não pode ser desprezado como recurso no trabalho docente.

O papel docente não é atenuado no quadro das novas tecnologias, mas assume uma importância ainda mais significativa, no uso das TICs, pois torna-se evidente a fundamental intervenção mediadora deste profissional, na condução das atividades para o atendimento aos objetivos da educação. Acreditamos que as atividades possam ocorrer dentro de diversas formas de trabalho, como por exemplo, a metodologia dialógica da construção do conhecimento, que segundo Freire é apontada como essência da educação libertária, tendo como característica principal a dialogicidade, ele indica a palavra como essência do diálogo, a pronúncia desta é a chave do estabelecimento do diálogo, significando a própria existência humana nas relações dialógicas (STECANELA, 2006).

Dentro desta lógica pode-se fazer o estudo da realidade levando em consideração a disponibilidade e o acesso dos alunos da EJA às TICs e das instalações e acessos possíveis no ambiente de estudos. O Estudo da Realidade é o momento da fala do outro, da decodificação proposta por Paulo Freire, “quando cabe ao professor, ou ao organizador da tarefa, ouvir e questionar, entender e desequilibrar os outros participantes, provocando-os para mergulharem na etapa seguinte” (PERNANBUCO, 1997 *apud* STECANELA, 2006, p. 225).

No segundo momento, na Organização do Conhecimento, temos a tentativa de evolução com o conhecimento do organizador sem, no entanto, perder-se de vista a fala inicial dos alunos e com um leque enorme de possibilidades através do uso das TICs, tendo em vista seus usos no mundo do trabalho, com envolvimento direto dos jovens e adultos:

As atividades focalizadas na cena fazem essencialmente parte desse momento, enquanto programação. Elas são parte da tentativa da professora, de introduzir novos conhecimentos, não partilhados pela classe, que os auxiliem a ver a realidade inicialmente estudada de uma nova forma. Em cada uma das atividades propostas, sempre, após a fala inicial dos alunos, garante-se um espaço para, sob orientação da professora, através de ações como ler um texto ou desmontar um rádio, sintetizar as conclusões do grupo por escrito, reorganizar o conhecimento novo que foi apreendido (PERNAMBUCO, 1997 *apud* STECANELA, 2006, p. 225).

No terceiro momento ocorre a Aplicação do Conhecimento, é o momento da síntese, quando a junção da fala do outro com a fala do organizador permite a síntese entre as duas diferentes visões de mundo, pois ainda segundo Pernambuco:

O terceiro momento é o da síntese, quando a junção da fala do outro com a fala do organizador permite a síntese entre as duas diferentes visões de mundo ou, ao menos, da percepção de sua diferença e finalidade. É um momento em que uma fala não predomina sobre a outra, mas juntas exploram as perspectivas criadas, reforçamos

instrumentos apreendidos, fazem um exercício de generalização e ampliação dos horizontes anteriormente estabelecidos.

Este é o momento de programação apontado ao final, quando a professora propõe uma volta às questões iniciais, entrega um texto que sintetiza o bloco das atividades relacionadas com equipamentos coletivos, retomando os conceitos unificadores que permearam todas essas atividades, e extrapola-os para outras situações. Mais amplo, mas na mesma orientação, aparece a retomada, em conjunto com os outros professores da série, das questões geradas pelo estudo da realidade, que por sua vez, geraram as atividades feitas (STECANELA, 2006, p. 226).

Assim a metodologia dialógica, dentro dos princípios de Paulo Freire, nos remete a valorização dos conhecimentos dos alunos da EJA, como elemento um motivador para o atendimento dos objetivos desta, de maneira a contribuir para o desenvolvimento individual e social dos envolvidos neste processo, com o envolvimento dos alunos e do professor num ambiente escolar que incentiva e valoriza a democracia. Cremos que este exemplo de metodologia seja uma das possibilidades de atuação docente, dentre tantas outras aplicáveis ao público de jovens e adultos, pois estes têm como característica o conhecimento de vida e a maturidade para a discussão dos temas abordados nos trabalhos a serem desenvolvidos. Estes trabalhos podem ser potencializados pelos recursos das TICs, especialmente nos aspectos das possibilidades de pesquisa e comunicação, aliados as condutas de interação e colaboração, para a construção do conhecimento com momentos de problematização, reflexão e socialização, que promovam o desenvolvimento de diversas habilidades, visando uma convivência social e saudável, que nos leve a reflexão da importância da educação para a vida humana, dentro dos pressupostos da UNESCO: Aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver, juntos; aprender a ser.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As novas tecnologias nos remetem ao repensar nos novos sentidos do eu no mundo virtual, onde surge o nascimento de uma nova comunidade, onde o presencial e não presencial deixam de ter um papel diferenciado. Pensamos que os conceitos de cultura e sociedade em ambientes tecnológicos possivelmente terão que ser reformulados, pois a interatividade dinâmica na era da informação está mudando os paradigmas vigentes.

Com o telefone tivemos uma tecnologia que permitiu interagir com o interlocutor através do áudio. A videoconferência nos permite a comunicação audiovisual. Claramente, as

análises psicossociais detalhadas da comunicação mediada pelo computador e outras tecnologias de comunicação estão possibilitando uma mudança das relações interpessoais, tanto no presencial como no não presencial. Nos novos meios de comunicação temos a multiplicidade das formas de linguagem, que podem ser utilizadas dentro da educação a partir da alfabetização, com o uso de novas ferramentas, possibilitando aprendizagens condizentes com a realidade do aluno, dentro do contexto social em que este está inserido, porém sem o prejuízo dos referenciais culturais adotados pelas escolas e com o direcionamento para o atendimento aos objetivos da educação, através da ação docente.

A diversidade de instrumentos que compõem o universo midiático utilizados como meio, criam novas oportunidades de melhorar as condições de aprendizagem. Para isso a formação do professor é condição fundamental, ele é o grande mediador nessa nova relação entre os meios que proporcionam a aprendizagem. Ele é a figura central a ser incluída na sociedade do conhecimento, que através de sua formação será o grande promotor deste saber. O mau uso desses meios pode representar ação de desinformação ou apenas transmissão de informações sem efeitos significativos de aprendizagem. Acreditamos que a crescente expansão e uso das TICs, nos remete à importância do trabalho e ao envolvimento dos docentes com estas tecnologias, tendo em vista a larga aplicação das mesmas, especialmente em ambientes profissionais, fato que evidencia a importância de sua aplicação na EJA, assim como em outras áreas na educação, porém lembrando da natureza do ser humano.

De acordo com Freire (1997), ao pensarmos na natureza do diálogo, como fenômeno humano, este nos é revelado na própria palavra, mas a palavra, além de ser elemento base ao diálogo possui elementos constitutivos, neles nos surpreendemos com duas dimensões; ação e reflexão, intimamente ligadas, pois não existe palavra verdadeira que não seja práxis. Assim, pronunciar a palavra verdadeira é transformar o mundo, mas a palavra inautêntica, não transforma a realidade, resulta na quebra das dimensões da ação e da reflexão, tornando-se discurso vazio, sem sentido. Porém, se enfatizarmos somente a ação sem a reflexão a palavra se converte em ativismo, e sem a práxis verdadeira, impossibilita o diálogo. Tanto um extremo, quanto outro geram formas não autênticas de existir e de pensar. Como humanos não sobrevivemos no silêncio, sem comunicação, nem tão pouco, com falsas palavras, pois são com as palavras verdadeiras que transformamos mundo.

Assim, entendemos que a relação entre as TICs e a EJA nos mostra necessidade do envolvimento da educação com os avanços tecnológicos, uma vez que a sociedade em que estamos inseridos exige esse envolvimento. Hoje, a comunicação se dá basicamente por meio de instrumentos tecnológicos, a inserção no mercado de trabalho não é diferente, pois o

mínimo de conhecimento de informática é exigido na maior parte das profissões. Enquanto educadores, não poderemos deixar de lado a preocupação em relação à inclusão de TICs nas salas de EJA, pois os professores não podem ficar a margem ao processo da evolução tecnológica. Enquanto participantes do processo de ensino e aprendizagem, precisamos estar à frente das inovações tecnológicas buscando, sempre, o preparo e a motivação para levar aos alunos novos instrumentos de aprendizagem, que os conduzam ao desenvolvimento humano, como meio de realização pessoal e profissional.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, Jonathan Luiz Trindade de; DURÃES, Marina Nunes. **Informática e educação** – conflitos e necessidades da sala de aula. Disponível em: <[http://www.senept.cefetmg.br/galerias/Arquivos\\_senept/anais/terca\\_tema5/TerxaTema5Artigo5.pdf](http://www.senept.cefetmg.br/galerias/Arquivos_senept/anais/terca_tema5/TerxaTema5Artigo5.pdf)> Acesso em 02/03/2012.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede - a era da informação**: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CITELLI, Adilson. **Outras linguagens na escola**. publicidade, cinema, TV, rádio, jogos, informática. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

COURA-SOBRINHO, Jerônimo; SÁ, Robsônia Ribeiro de. **Aprendizagem colaborativa assistida por computador - cscl**: primeiros olhares. Disponível em: <[http://www.minerva.uevora.pt/cscl/#Aprendizagem colaborativa](http://www.minerva.uevora.pt/cscl/#Aprendizagem%20colaborativa)> Acesso em 02/03/2012

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se complementam. São Paulo: Cortez, 1987.

LEITE, Sérgio Antonio da Silva; D'ESTEFANO, Cynthia Bauab Fabrício. **A informática no processo de alfabetização escolar**: um estudo de caso. *Práxis Educativa*. Ponta Grossa, PR: v.1,n. 2, p. 17, jul-dez, 2006.

LOPES, Jurema Rosa. **A escola como espaço social, prática pedagógica e processo de trabalho**: reflexões. *Pro-Posições* - Vol. 1 Nº 5 (32) julho 2000. Disponível em: <<http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/~proposicoes/textos/32-artigos-lobesjr.pdf>> Acesso em 03/02/2012

MARTIN-BARBERO, Jesús; REY, Germam. **Os exercícios do ver**: hegemonia audiovisual e ficção televisiva. São Paulo: SENAC, 2001

MORE, Marisa Mathilde; STECANELA Nilda; ERBS, Rita Tatiana C.. **Fundamentos da práxis pedagógica**. v. 2: pedagogia. Caxias do Sul: Educs, 2006, O ensino e o processo de construção do conhecimento, capítulo IV.

PRIMO, Alex; CASSOL, Márcio. **Explorando o Conceito de interatividade:** definições e taxonomias. Disponível em: <<http://www2.dem.inpe.br/ijar/ConceitoMidia.doc>> Acesso em 15/02/2012

ROESLER, Jucimara; COSTA, André; FLORES, Angelita Marçal. **Meios educacionais.** Palhoça: UnisulVirtual, 2006.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa.** Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

\_\_\_\_\_. **Que é Interatividade?** in Boletim Técnico do Senac. Rio de Janeiro, v.24, n.2 maio/ago, 1998.

\_\_\_\_\_. **Um convite à interatividade e à complexidade:** novas perspectivas comunicacionais para a sala de aula. In: GONÇALVES, Maria Alice Rezende (org.). Educação e cultura: pensando em cidadania. Rio de Janeiro: Quartet, 1999. p. 135-167.

STEMMER, M.R.G.S. **O computador e a Alfabetização:** estudos das concepções subjacentes aos softwares para Educação Infantil. Florianópolis, SC: [s.n.], 1998. Dissertação de Mestrado.